



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15794 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 16ª Reunião Científica Regional da ANPEd - Sudeste (2024)
ISSN: 2595-7945
GT 06 - Educação Popular

A LUTA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS E A PRESENÇA DE MULHERES NEGRAS NA UNIVERSIDADE: AINDA UM DESAFIO!

Adrielle Karolyne de Sousa Lisboa - Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ
Agência e/ou Instituição Financiadora: Capes

A LUTA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS E A PRESENÇA DE MULHERES NEGRAS NA UNIVERSIDADE: AINDA UM DESAFIO!

Introdução

Enquanto a questão negra não for assumida pela sociedade brasileira como um todo: negros, brancos e nós todos juntos refletirmos, avaliarmos, desenvolvermos uma práxis de conscientização da questão da discriminação racial nesse país, vai ser muito difícil no Brasil, chegar ao ponto de uma democracia racial (Gonzalez, 2018, p.255).

Ao iniciar este escrito com o fragmento da Lélia Gonzalez, busco convocar a todos, pretos e brancos a compreenderem o quanto, ainda, é fundamental falarmos acerca do acesso à educação ou falta dele para a população negra, sobretudo para as mulheres negras no Brasil. A partir dessa questão, torna-se inadiável assumir como sociedade uma práxis de conscientização (Freire, 2014), que busque incessantemente romper com as discriminações e cultura racista no país. Assumindo o seu caráter ainda inicial, o texto apresenta alguns dos caminhos percorridos frente ao desafio de uma pesquisa de doutorado, que se encontra em andamento. O objetivo da pesquisa se ancora na investigação e aprofundamento de trajetórias escolares e acadêmicas de dez professoras e pesquisadoras negras egressas da pós-graduação em título de mestrado em Educação no estado do Rio de Janeiro, no período de 2011-2021, buscando de forma específica, investigar o contexto das políticas públicas e das lutas históricas dos movimentos sociais negros, que possibilitaram ou não, os percursos formativos desse grupo de mulheres no período de uma década.

Metodologia da pesquisa

Do ponto de vista metodológico, estamos trabalhando com a fundamentação teórica dos Retratos Sociológicos, em diálogo com Lahire (1995), investigando as razões/motivações que podem ser apontadas nas trajetórias dessas mulheres, e que vem contribuindo na compreensão do eventual “sucesso escolar”, considerando que todas alcançaram formação acadêmica em nível de pós-graduação, sendo oriundas de classes populares urbanas. Neste exercício teórico-reflexivo, as trajetórias das egressas estão sendo analisadas pelo prisma da *escrivência* a partir do trabalho de Evaristo (2009), reconhecido como método de produção do conhecimento nas ciências sociais, que vem ganhando destaque epistêmico-conceitual nos estudos científicos, principalmente como ferramenta metodológica de análise, expressando uma dimensão ética ao propiciar que as mulheres investigadas assumam o lugar da enunciação de um eu coletivo (Soares; Machado, 2017). Ainda do ponto de vista teórico e epistemológico, procurarei através da análise interseccional (Bilge; Collins, 2021), compreender as narrativas das mulheres negras da pesquisa, pensando como os marcadores sociais, a princípio de raça, classe, gênero e docência se articulam nas suas trajetórias de vida/estudo. Para tanto, a pesquisa busca ancorar-se na dimensão narrativa de práticas existenciais e políticas de mulheres, que ao serem compartilhadas no coletivo, possibilitam que a “pluralidade de passados tornem plausível a pluralidade de futuros (Paz, 1984).

Discussão da pesquisa e articulação com os referenciais bibliográficos

O Brasil é um país de trajetórias interrompidas, sobretudo da população negra. Somos um país que normalizou o conceito de *bala perdida*, a bala que sempre faz o trajeto ao encontro de corpos negros em territórios periféricos, uma pele alvo. A isso, tomemos a pergunta: O que significa ser mulher negra das classes populares neste país?

Por entendermos o papel estratégico pedagógico e político dos movimentos sociais negros na formação integral e humana de estudantes das classes populares, defendemos a luta por educação como de toda a sociedade. Segundo hooks (2013) a educação só pode ser libertadora quando tomamos posse do conhecimento como uma plantação em que todos trabalham pela formação política, em especial, desta população que articulada aos movimentos sociais, lutam por dignidade.

Portanto, os movimentos sociais negros vêm buscando em seus percursos históricos, o direto a uma formação humana, que seja posicionada contra opressões, uma luta urdida a uma pedagogia engajada e uma pedagogia da libertação, um enfrentamento por uma educação popular construída através do diálogo, resistindo à desumanização que nos ronda (Freire, 2014).

Considerações finais, ainda provisórias.

Ser mulher negra em determinados espaços, inclusive em contextos territoriais que remetem à possibilidade de ascensão social, por vezes, é uma vivência solitária, muitas vezes

sofrida, com a internalização de frustrações e inseguranças. A partir dessas questões, consideramos de suma importância compreender as trajetórias desse grupo de egressas, sobretudo para compreender, se o curso impactou a trajetória de cada uma, e como se deu essa implicação em espaços para além da academia, nos seus diferentes territórios de vida. Tal desafio nos instiga à construção de um inventário das lutas dos movimentos sociais pelo direito à educação no Leste Fluminense/RJ.

Palavras chaves: Trajetórias de Mulheres Negras; Direito à Educação; Movimentos Sociais Negros.

REFERÊNCIAS

FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 57. ed. Rio de Janeiro: Paz&Terra, 2014.

GONZALEZ, Lélia. *Primavera para rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa*. Diáspora Africana : Filhos da África, 2018.

HILL, Patricia Collins; BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. Tradução de Rane Souza. 1ª. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

HOOKS, BELL. *Ensinando a transgredir: A Educação como prática de liberdade*. São Paulo: Martins Fontes, 2013.

LAHIRE, Bernard. *Sucesso escolar nos meios populares*. Tradução de Ramon Américo Vasques e Sonia Goldfeder. 1ª. ed. Paris: Seuil Gallimard, 1995.

PAZ, Octávio. *Os Filhos do Barro*. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1984.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. “Escrevivências” como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. *Psicologia Política*, São Paulo, Maio/Agosto 2017. 203-219.